

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 14 de dezembro de 2011**

Texto de referência: O senso religioso (cap. XIII). Brasília: Universa, 2009, pp. 191-199.

- *Amare ancora*
- *Favola*

Carrón: Nestes dois cantos se encontra resumido tudo o que vamos dizer na Escola de Comunidade: tudo é dado, bastaria apenas voltar a ser criança para reconhecer que tudo é dado; mas tantas vezes, quando o caminho fica mais duro, começamos a temer, e nesse ponto, se não tem alguém com você, se falta a certeza de que Alguém está com você, que nunca vai abandoná-lo e que vence este medo, ficamos com medo. E é isto que vemos às vezes, a propósito da experiência do risco de que fala Dom Giussani, como pergunta uma de vocês: “Não está muito clara para mim a experiência do risco; melhor, tenho alguns episódios em mente, como a morte da minha mãe ou a vocação, que eram totalmente prementes e urgentes pelo significado que traziam para a minha vida; sim, eu tinha medo de olhar de frente para estes episódios, mas, ao mesmo tempo, eu me dava conta de que não podia recuar, caso contrário eu não seguiria mais em frente, e aquelas questões, de um modo ou de outro, sempre emergiam; hoje, a Escola de Comunidade diz o seguinte: ‘Quanto mais uma coisa é importante para o significado da vida, mais nós temos medo de afirmá-la’ (p. 197)”. Por que temos este medo de afirmá-la? Porque, quanto mais interessa ao significado do viver, tanto mais a nossa liberdade é desafiada. Todos entendemos o alcance daquilo que é interessante para a vida. Se uma moeda de um centavo cai no chão, a pessoa quase não se abaixa para pegá-la; mas se se trata de um milhão de reais, a pessoa se mexe imediatamente! Se a pessoa precisa decidir qual o tipo de macarrão que vai colocar na água para cozinhar, tranquilo; mas se precisa decidir se casar, a vida é desafiada e sente todo o seu risco; não é que não queira bem à pessoa amada, mas é que se dá conta de que ali está em questão algo de tão decisivo para a vida que não pode evitar tremer diante disto. Quanto mais importante é a coisa, mais a pessoa percebe este risco que está para correr. Portanto, a questão é como nos ajudar a viver estes momentos de tal maneira que a liberdade possa aderir em qualquer que seja a circunstância. Como educamos a liberdade para isto?

Colocação: *Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre a aceitação de que fala a Escola de Comunidade, quando diz que é o abraço consciente daquilo que vem ao meu encontro; porque, para mim, esta questão da aceitação traz um pouco de problema, é difícil. Instintivamente, para mim, a aceitação é a resignação diante de uma circunstância. E se eu penso em algumas circunstâncias da minha vida, eu digo “esta resignação eu não quero”. Por isso, eu queria entender o conteúdo desta aceitação, e que valor tem para a vida.*

Carrón: Mas, quando você diz que é resignação, que juízo está dando sobre a circunstância?

Colocação: *Que é uma circunstância que eu não quero, que não quero enfrentar, que não está bem para mim, que eu quero que mude, que se torne outra coisa.*

Carrón: E, dessa maneira, é difícil que alguém, diante disto, deseje abraçá-la...

Colocação: *Eu diria que sim.*

Colocação: *Eu, nestes últimos tempos, a cada vez que escutei você falando, eu o escutei repetir uma frase de Jesus que me acompanhou continuamente neste último mês, mas só na última Escola de Comunidade é que me atingiu em cheio: “Não vos alegrai porque os demônios vos obedecem, mas porque os vossos nomes estão escritos no Céu. Não vos alegrai com o sucesso porque não vos basta, é pouco para o vosso espírito, alegrai-vos porque fostes escolhidos por Mim”. Na última Escola de Comunidade, como que por uma graça, eu a ouvi não como sempre a ouvi, ou seja, como uma repreensão, mas como uma ternura, e me dei conta de que, quando escuto uma frase assim, não como uma repreensão, mas como uma ternura, essa, para mim, é a experiência da liberdade. Porque é como uma descoberta de mim mesma, de que aquilo que eu sou é algo positivo, enquanto*

que, normalmente, eu sempre penso em mim como algo que não está certo. E aqui eu entendi que isto é o alargamento da razão; enquanto que eu me dou conta de que sempre tenho o risco de escutar estas frases como se fossem devotas, por isso deixadas ao meu moralismo. Pelo contrário, fiquei impressionada porque o toque de ternura que me permitiu escutar você repetir esta frase foi que me fez entender que, quando eu me dou conta de mim mesma assim, então eu me descubro outra vez atenta e acolhedora daquilo que existe, me descubro outra vez positiva como ponto de partida diante da realidade e sinto que tudo é uma companhia que me diz: “Pule!” (para ficar no exemplo de Dom Giussani na montanha). Isto, para mim, é a educação, uma autoridade que, com ternura, me diz “Não te alegres porque os demônios te obedecem, mas porque foste tomada”.

Carrón: Bastaria isto para voltarmos para casa: que aconteça, como graça, de ouvir aquela frase com toda a novidade que traz dentro de si. Porque é assim, como ela descreveu: “Alegrai-vos não pelo sucesso missionário que tivestes. Alegrai-vos muito mais pelo fato de que fostes escolhidos por Mim”. Mas, uma pessoa que diz algo assim, que antecipa a desilusão que acontecerá no dia seguinte (se não no instante seguinte) ao sucesso, já liberta você. Que nós a tenhamos percebido tantas vezes como uma repreensão quer dizer que, frequentemente, reduzimos o Evangelho a indicações moralistas que nunca são capazes de apreender a substância daquilo que existe. Bastou que alguém a tenha percebido um instante que seja por aquilo que é, segundo toda a ternura que Jesus, dizendo isso, tem por Seus amigos, para sentir toda a experiência da liberdade. Por que é que eu a repito? Porque primeiro acontece, depois você a repete. Primeiro você se dá conta do valor que tem, e depois quer comunicar aos amigos a mesma experiência de liberdade, porque, de outra forma, não nos damos conta do que é a liberdade. Então, a pessoa descobre a si mesma – ela disse: sou algo positivo, ser feito assim não é uma desgraça (de forma que nem mesmo o sucesso é capaz de me preencher, porque eu sou desejoso de algo tão grande que nem mesmo o sucesso é capaz de bastar para mim). Não é uma desgraça, porque Jesus não me deixa ali, me diz que tenho muito mais, muito mais do que o sucesso: ou seja, o fato de ter sido escolhido por Ele. Mas, em tantas ocasiões, parece-nos que ter sido escolhidos não interessa! Parece que, para responder à nossa necessidade, seja mais decisivo o fato de ter sucesso do que o fato de ter sido escolhidos, no encontro que nos fez descobrir uma experiência do viver infinitamente maior, mais potente. É apenas uma experiência assim que faz perceber – não como uma frase de uma aula de filosofia – o que quer dizer alargar a razão, ou seja, o que quer dizer redescobrir a experiência da liberdade. Porque a liberdade é esta coincidência consigo mesmo, e a experiência de satisfação que acontece na vida quando a pessoa se dá conta disto. Então, é como se a companhia lhe dissesse para pular: você poder viver a experiência do risco. E este é o valor da autoridade: alguém – antes de tudo Dom Giussani – nos é dado para nos fazer entender o que é o significado disto, e se torna sempre mais autoridade exatamente porque lhe faz apreender uma experiência do real à qual você não havia chegado nem mesmo em sonho. E, a partir de então, você é obrigado a repeti-lo, porque o fato que acontece lhe dá um olhar diferente sobre tudo. Haveria tantos exemplos, mas vou dar um que me aconteceu na semana passada em Rímíni, durante os Exercícios dos Universitários: um garoto – de quem eu tinha lido uma carta –, que tem uma doença degenerativa (sua mãe havia tido a mesma, e morreu). É impressionante ver como este garoto está diante da sua doença. O que podemos dizer a ele para que não se torne uma consolação? O que é a liberdade para alguém que se vê degenerando? Ele me perguntava: “Mas, e todos os meus projetos da universidade, daquilo que estou estudando?”. Eu lhe disse: “Mas, o que você tem de mais interessante para fazer na vida do que dizer ‘sim’? Poderia pensar: ‘diz isso para me consolar’. Mas, por que eu deveria? É um consolo barato porque você tem esta doença, ou Nossa Senhora, que não estava doente, não tinha outra coisa melhor para fazer do que dizer aquele ‘sim’? Pode haver outro projeto no mundo mais decisivo do que o próprio ‘sim’? Pode haver uma experiência de liberdade maior do que esta?”. Digam-me se tem algo mais adequado, mais correspondente, mais verdadeiro – não mais consolador: mais adequado, mais correspondente, mais verdadeiro! – do que o desígnio de Deus sobre cada um de nós, e do que dizer “sim” a este desígnio! Mas, para poder dizer “sim” com esta liberdade convém que a pessoa tenha entendido que já recebeu o prêmio, o tesouro, pelo fato de ter sido escolhido; de outra forma, nenhuma explicação, nenhum moralismo poderá ajudar a pessoa a partir positivamente. Mas, o

que isto quer dizer? Não devemos esquecer isto nem mesmo quando acabar o livro: estamos fazendo *O senso religioso* como verificação da fé. Estamos fazendo *O senso religioso* para ver se somos livres ou não, mas como verificação da fé. Aconteceu-nos algo que nos permite este tipo de liberdade para entrar em qualquer circunstância que seja, ou não? Porque esta é a experiência de que parte Jesus para entrar em qualquer circunstância, para entrar até mesmo no sucesso dos discípulos; mas sem este olhar de Jesus, não podemos nem sonhar com uma liberdade como esta, mesmo se tivermos todas as possibilidades diante de nós.

Colocação: *Partindo daquilo que foi dito na segunda colocação da última vez, eu escrevi a um amigo meu; e lhe contava do fato que o foco do relacionamento com ele havia mudado um pouco, pensando naquela colocação que havia mexido comigo, e eu via que não era mais a afirmação de mim mesma... Leio apenas uma pequena coisa que lhe escrevi: “Não posso voltar atrás desta posição, na medida em que este fato, dentro disto que eu sou, se consolidou, e me espanta porque não é produzido por mim e não me pertence, mesmo que seja o verdadeiro eu, é um dom que me é oferecido, totalmente intrínseco e conatural ao meu eu”. Mesmo no próprio escrever isto a ele eu me espantava com este fato, e me dava conta de que eu tinha exatamente a necessidade de comunicar isto a ele. Quanto ao trabalho que estamos fazendo hoje, eu me dava conta de que a natureza do meu eu, da minha razão, é intrinsecamente relacional. Por outro lado, nos relacionamentos, sobretudo nos relacionamentos de trabalho, ainda quanto àquilo que você dizia acerca do risco, às vezes a comunidade, ao invés da possibilidade de acompanhar quando se tem medo, é um ponto de resistência no juízo, como se o meu eu não pudesse se exprimir segundo a experiência do “sim” que fez. Outras vezes, os juízos das pessoas (mesmo de pessoas que me conhecem há muito tempo) me parecem um pouco superficiais, de modo que, nisto, faço experiência daquela tristeza sobre a qual se falava um tempo atrás; e espero que seja uma tristeza boa, porque eu desejo Jesus.*

Carrón: Qual é a sua dificuldade? Que em certos momentos, como diante da experiência de risco, você não se sente acompanhada?

Colocação: *Sim.*

Carrón: É este o ponto em que cada um de nós reconhece que é a companhia que lhe permite entrar no real, entrar em qualquer escuro; porque se é uma companhia superficial, no fim, não é capaz de nos acompanhar até o fundo. Por isso, cada um deve julgar e encontrar aquele lugar, aquela presença que verdadeiramente é capaz de acompanhá-lo. Porque somente quem já entrou naquele escuro não tem medo dele.

Colocação: *Queria simplesmente dar testemunho daquilo que estamos dizendo. A coisa mais interessante que me aconteceu nos últimos anos é algo que ainda hoje não consigo, até o fundo, aceitar e pode parecer uma frase pesada: quanto mais vou adiante, tanto mais me dou conta de que não dependo de mim. Isto é, a maior revolução que me aconteceu na vida foi quando, partindo de um projeto de 10 anos, um sonho, houve uma evolução que colocou diante de mim que, antes de qualquer coisa, não sou eu que faço a realidade, antes, que é a realidade que me educa. Esta consciência evoluiu numa dinâmica humana, num relacionamento de amizade: alguém que o chama. Falávamos, esta noite, de ser chamados. Dizemos que somos chamados – tanto é que Cristo significa “ungido” e, portanto, escolhido –, mas de que maneira, no meu cotidiano, sou escolhido? Antes de tudo, agradeço a Deus porque estou aqui e porque sou capaz de me comunicar com vocês, porque tem um monte de pessoas nesta terra que não pode fazer o mesmo. E a segunda coisa: a unicidade no cotidiano nasce quando você se dá conta de que existe uma realidade que o chama continuamente. Eu, esta noite, até um instante atrás, não sabia se interviria, depois me confiei e disse: “Vamos ver o que acontece”; uma das duas canções, Favola, foi usada por minha mãe como testamento, dizendo-me: “Quando, um dia eu não existir mais, este será o modo de ficar perto de você”, e muito provavelmente, neste momento, ela está me escutando. Qual é a beleza que eu descobri? Que Deus existe e me ama através da realidade. Daqui a pouco será Natal, até quando*

eu não havia ainda me dado conta desta revolução, o hábito, lentamente, comia a beleza das coisas; quando eu era pequeno, era muito bonito, depois, aos poucos, foi ficando menos (até digo que é bonito; mas, na verdade, depois, fico cheio de tédio). Agora, se tornou bonito outra vez porque existe esta unicidade que retorna no cotidiano, se você se dá conta de que a realidade é um dom que continuamente vem ao seu encontro. Vem à minha mente um “presente”: a pessoa prepara o embrulho, o laço, vai buscá-lo, o paga e, depois, chega e diz: “Toma, isto é para você”. Pelo que eu entendi, o bom Deus nos presenteia com a realidade; nesta noite, este lugar é como o embrulho que Ele fez para nós, o rosto do seu vizinho, quando, depois, vamos pegar o carro e voltaremos para casa. Esta é a realidade que Ele nos dá, e se você entrevê, nesta realidade, Alguém que o chama continuamente, Alguém a quem você se confia exatamente porque demonstrou que o ama, você entende que o hábito não vence e, deste modo, derrota qualquer medo.

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Fico impressionada com o fato que a experiência de ter sido escolhida cresce sempre mais. E digo isto logo depois da circunstância que me vi tendo que viver, na qual penso ter provado a experiência do risco: quando me envolvi pessoalmente com o panfleto sobre a crise. Porque eu tinha as razões para me envolver com as pessoas, para propor um juízo diferente, tinha também o desejo de fazer isto porque eu sabia que seria um ganho, mas me descobri numa ocasião na qual não tinha nem a liberdade, nem a vontade de fazê-lo. Tinha todas as razões, estava convencida delas, mas a cisão emergiu em mim. Nesse momento, eu entendi que uma cisão assim pode ser advertida somente diante de algo de concreto; enquanto eu falo dela e relato o juízo quando estamos entre nós, não vivo o risco, não me dou conta de estar dividida; mas se devo dizer isto para qualquer um, publicamente, é ali que se revela, antes de tudo para mim mesma, o ponto no qual eu me encontro. Esta constatação, porém, não me impediu, mas me colocou em movimento outra vez, quase grata por haver uma companhia como a nossa, porque se eu sou assim dividida há um lugar que, pelo contrário, leva tão a sério a totalidade da minha pessoa, que me educa, ou seja, coloca diante de mim um caminho que eu possa seguir. Fiquei muito impressionada com como a experiência de ser escolhida, e portanto desta ternura, foi percebida por mim simplesmente fazendo um gesto assim, me dando conta do ponto no qual eu estava e, por isso, me dando conta de que há algo maior que abraça este ponto tão pequeno.*

Carrón: Obrigado. Às vezes nos perguntamos: como se educa esta liberdade? Ela fazia referência ao gesto do panfleto “A crise: desafio para uma mudança”. Esta foi a genialidade de Dom Giussani: que, para nos educar, sempre nos propôs gestos! É o gesto que educa, porque – como ela explicou bem – podemos ter as razões, mas é somente quando arriscamos nos colocar publicamente diante de todos, que percebemos esta cisão. Gostaria de enfatizar isto: como é que nós nos educamos, constantemente, à liberdade? Através dos gestos, porque o gesto é uma modalidade natural, que nos chama, que nos provoca; e já que tantas vezes nós, sozinhos, não respondemos, a nossa companhia propõe um gesto no qual todos somos provocados; e podemos fazê-los juntos para poder descobrir e, depois, vencer esta cisão, e para expressar toda a nossa pessoa fazendo-o juntos. E, então, fico impressionado com aquilo que ela disse, porque muitas vezes vence em nós aquele mal-estar por aquilo que ainda não existe; ela, pelo contrário, nos testemunha que ver esta cisão a torna grata por saber que existe um lugar, que existe uma companhia como a nossa onde esta cisão é constantemente superada e vencida. Então, o que este fato diz sobre a nossa companhia? Vem à minha mente a frase de Dom Giussani em *Na origem da pretensão cristã*: “somente o divino pode ‘salvar’ o homem”, as dimensões do humano. Portanto, qual é a natureza de um lugar que constantemente salva as dimensões do humano? Qual é a natureza desta companhia onde constantemente a nossa vida é redescoberta, o nosso eu é revelado, a nossa razão é alargada? Isto diz da natureza daquele lugar onde começamos a ver a cisão entre razão e afeição sendo vencida. Sobre isto eu gostaria de ler ainda uma carta: “A frase que, de maneira absoluta, mais me tocou do capítulo é aquela que diz ‘a educação da liberdade deve ser educação à opção pela positividade como ponto de partida’ (p. 194). Você nos sugeria perceber em nós pontos de dificuldade. Este é o meu ponto de dificuldade: vejo que aquilo que acontece é sinal, não tenho

dificuldade de perceber aquele limiar de mistério para o qual a realidade me empurra, mas, não obstante isto, frequentemente fico paralisada, como o garotinho Dom Gius na montanha. É como se eu ainda não estivesse certa da positividade última do real. E me tocou muito o fato que, diante do mesmo evento, do mesmo rompimento, da mesma misteriosa reviravolta, para você, o sacrifício existe, mas não é um tema. Para mim, pelo contrário, é de tal forma incômodo que me paralisa e me consome. Eu desejo para mim aquela liberdade de um olhar sempre atraído pela hipótese positiva diante do imprevisto, diante da objeção, diante da morte. O que é que permite ser atraído por esta positividade?”. Porque sem esta positividade a pessoa não entra, fica paralisada! Dom Giussani nos diz que se trata do fenômeno comunitário, da mesma maneira que a criança, acompanhada pela mãe, consegue entrar em qualquer quarto escuro. A questão para nós é: como cresce em nós a consciência de um lugar onde a nossa vida é constantemente acompanhada – aquilo que dizia a última colocação. Mas, fiquei tocado, já repetimos isto quando fizemos este capítulo nos Exercícios da Fraternidade: precisamos de uma presença capaz de vencer esta fratura, esta cisão entre a razão e a afeição, ou seja, de uma presença – dissemos – que me cole de tal forma que me permita vencer esta fratura. Mas, Dom Giussani diz que, quando as coisas se tornam verdadeiramente complicadas, quando a vida empurra para além das nossas previsões, nem mesmo isto basta. Cito Dom Giussani em *Si può (veramente?!) vivere così? [É possível (verdadeiramente?!) viver assim?;* sem tradução para o português; *ndt*], à página 106: “A graça. E é somente ela que, num certo ponto, realiza aquilo que a companhia não conseguiu realizar e aquilo que o grande homem não conseguiu realizar”. Está falando dos discípulos. Quando a Paixão chegou, os discípulos todos se esconderam, e não é que não existisse a companhia de Jesus. Mas, tiveram que esperar a potência do Espírito para vencer esta última cisão. De fato, é a graça do Espírito que permitiu que os discípulos pudessem ser livres, publicamente, diante de todos e sem medo. Por isso, São Paulo dizia que ninguém pode dizer que Jesus é Senhor, ou seja, confessar Jesus com toda a sua energia e em toda a sua verdade, se não sob a ação do Espírito Santo. E como este Espírito Santo age entre nós? Este Espírito Santo, para nós, é a graça do carisma, e apenas vivendo num lugar assim é que podemos realizar este último passo. Quando precisamos enfrentar estas questões sempre penso em Jesus. O que Lhe permitiu partir da positividade, mesmo diante do desafio maior que um homem pode viver, quer dizer, da paixão e da morte? O quê? Somente o relacionamento com o Pai. Somente um relacionamento que é mais poderoso do que qualquer desafio, do que qualquer dor, porque no fim todos O abandonaram. É esta a questão da nossa vida: se a fé, para nós, é uma experiência presente, confirmada por ela, que faz emergir sempre mais um relacionamento com o Pai, que nos permite entrar em qualquer circunstância na companhia de Cristo. Porque a possibilidade de partir da positividade está exatamente ali, no mistério último da realidade que, para nós, se revelou num rosto que se chama Cristo; nEle conhecemos o rosto verdadeiro, cheio de ternura por nós de um Pai, porque conhecemos o Pai através de Jesus. É apenas se este relacionamento último se torna cada vez mais familiar, mais verdadeiro, mais persuasivo, que poderemos entrar em qualquer circunstância. De outra forma, tão logo o desafio da vida supera as nossas capacidades de estar diante da realidade, estaremos acabados. Então, termino relendo dois textos que começam na página 228 de *Ciò che abbiamo di più caro [Aquilo que temos de mais caro,* sem tradução para o português; *ndt*] (me impressionaram quando estava preparando os Exercícios do CLU), para responder às duas questões fundamentais que emergiram nestes últimos dois capítulos e que me parecem indicativos do caminho que Dom Giussani nos propõe. Um é sobre a razão: “O problema de *O senso religioso* é exatamente o de nos ajudar a entender que o horizonte humano não se exaure naquilo que se vê e se toca. Então, é como um exercício [é como se nós precisássemos treinar]: é exercitando a razão em função da fé [para não permanecer na aparência] – a fé como graça que faz florescer a razão –, é exercitando a própria vida racional [usando a razão assim] que, mais ou menos lentamente, o ‘como se Deus não existisse’ [viver a realidade, no fundo, como se Deus não existisse] se torna o Deus que se vê, o Deus que se escuta, o Deus que se torna amigo”. Dom Giussani nos está convidando a um exercício, a um trabalho, ou seja, a usar a razão segundo toda a sua verdade, não permanecendo naquilo que se vê e se toca (o positivismo), de modo tal que nós, exatamente por este exercício da razão, aos poucos, começamos a vê-Lo, a tocá-Lo, O reconhecemos

no modo de usar a razão, porque – como dizia a penúltima colocação desta noite – só podemos viver a realidade como algo que remete para algo além, que remete a este Tu. Imaginem se a cada vez que ficamos atolados, que ficamos sufocados nas circunstâncias, começássemos – para usar um verbo belíssimo – a brandir a razão! Mas pensamos que a coisa mais interessante seja fazer outra coisa, seja fazer tudo menos isto... O segundo texto é sobre o tema da fratura entre reconhecimento e afeição: “O nexos entre reconhecimento e afeição é a última trincheira da batalha [vocês estão entendendo, amigos?]. Que o reconhecimento de que Deus existe [que é o que a razão reconhece] se torne estável, tenha certa estabilidade, é suficientemente fácil com o tempo que passa [é no tempo que isto acontece, desde que a pessoa comece a fazê-lo]. A coisa mais difícil é que, deste Deus que existe [deste reconhecimento], que quase se vê [se a pessoa usa a razão, como dizia antes, se vê e se toca], se passe para a afeição a Ele [esta é a coisa mais difícil: todos podemos afirmar que Deus existe, mas que disto se passe à afeição, esta é a coisa mais difícil, a última trincheira]. Esta falta de afeição é superada pela maturidade que vem em seguida: é o tempo que faz, se a impoção foi correta, ou seja, se se sabe o que é a razão, se nos surpreendemos bem, se nos damos conta bem do que é a fé, se, portanto, nos damos conta do *input*, do empurrão que há dentro de cada coisa: cada coisa é sinal. Se nos damos conta, se começamos a vislumbrar a grande presença, então o tempo que passa faz esta presença se tornar contínua e faz esta contínua presença se tornar cada vez mais facilmente o objeto da afeição”. E quando se torna objeto de afeição, eu posso entrar em qualquer circunstância, como a criança com a mãe. Mas, para que isto aconteça convém estar disponíveis a fazer este trabalho, porque, de outra forma, esta afeição não existirá na nossa vida, nunca! Agora, podemos entender isto melhor: por que Dom Giussani insistia sobre isto? Porque sabia bem aquilo que estamos dizendo agora sobre o positivismo, ou seja, que nós tantas vezes usamos a razão de modo reutivo (e portanto nunca chegamos a superar esta fratura). Então, se queremos verdadeiramente ter esta positividade como ponto de partida em tudo, seja lá qual for a circunstância, o caminho que Dom Giussani nos propõe é verdadeiramente simples, está ao alcance de todos; basta levá-la a sério, basta que cada um aceite ser educado por isto, e então começará a perceber, antes de tudo para si, o que é a vida, que novidade se introduz na vida aceitar a proposta do carisma.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade vai acontecer na quarta-feira, dia **11 de janeiro**, às 21h30.

Retomaremos o capítulo XIV de *O senso religioso*: “A energia da razão tende a entrar no desconhecido” (pp. 201-212).

Perguntemo-nos isto, porque o dissemos no dia 26 de janeiro: é apenas se temos esta experiência, que descrevemos agora, que podemos verdadeiramente viver este capítulo, que podemos verdadeiramente ser religiosos, assim como este capítulo o descreve. Vejamos o que surpreendemos relendo-o.

Deixo registrada a publicação do livro *Spirto gentil*, que contém os textos dos livretos que acompanham os 52 CDs da coleção *Spirto Gentil*, fundada e dirigida por Dom Giussani.

Sabemos como, para Dom Giussani, a música era uma via privilegiada para a percepção do belo como esplendor da verdade, capaz de suscitar e manter vivo o desejo da “Beleza infinita”, e de como reconhecesse na música uma modalidade excepcional através da qual o Mistério fala ao coração do homem; por isso, utilizava sistematicamente a escuta da música como instrumento privilegiado para a educação.

Ter à disposição num único livro todos os seus comentários (junto dos comentários dos vários críticos, musicólogos e compositores), dos vários CDs “dos grandes maestros”, é um precioso instrumento, por isto nós o colocamos à disposição de todos neste volume.

Glória

Felicitações de bom Natal a todos vocês e àqueles que estão nos acompanhando ao vivo.